

Entrevista com Dr. Roberto Rodrigues: Agronegócio Sustentável

Sistematização das Informações – Versão 1

Questão 1: Cenários futuros

A população mundial triplicou desde 1950 e foi acompanhada pelo crescimento da produção de grãos sem que houvesse um significativo da área plantada. Esse resultado espetacular foi alcançado com a introdução de fertilizantes, agrotóxicos, uso de irrigação em larga escala, melhoramento genético e muitos outros avanços tecnológicos e de gestão.

No entanto, a produção de grãos não cresce mais na mesma proporção do crescimento da população desde 1985. Isso parece refletir em parte o esgotamento da capacidade desse “pacote tecnológico” de aumentar a produtividade e, de outro lado, o esgotamento e deterioração de importantes recursos naturais, como água doce em algumas partes do mundo e solo cultivável devido à degradação.

Se considerarmos que a população mundial ainda não estabilizou-se, o que deve ocorrer apenas em 2050 quando atingirmos cerca de 9 bilhões de habitantes, segundo a ONU, como o setor está avaliando os cenários futuros para o Brasil e para o mundo? Dada essa situação, só será possível ampliar a produção agrícola através da ampliação da área cultivada? Se não, que desenvolvimentos tecnológicos viáveis estão num horizonte visível de tempo e que podem alterar significativamente esse cenário? Por fim, o setor enxerga as mudanças climáticas e o esgotamento dos recursos naturais como um risco real?

Resposta à questão 1

- No atual período de estabilidade monetária, o preço médio é dado a partir da produtividade média. O produtor que tem produtividade superior, ganha dinheiro. O produtor que tem produtividade inferior, perde dinheiro e geralmente em 2 anos é “expulso” da atividade.
- Outra “regra” da economia rural é que sempre que os produtores como um todo incorporam nova tecnologia e aumentam produtividade, há aumento da oferta e redução do preço médio, trazendo benefícios ao consumidor. Desta forma, nem sempre há incentivos para aumento da produtividade pelo produtor.
- No momento em que o mercado deixa de remunerar os ganhos de produtividade por incorporação de tecnologia, entra o papel das cooperativas, agregando valor através da industrialização e outros processos.
- Há 3 anos observa-se preços muito acima da média histórica. Tradicionalmente há um processo eterno no qual, quando os preços estão baixos, ninguém planta. Então, a oferta diminui e o preço sobe, retomando o plantio e os investimentos. E assim vão os ciclos. Atualmente há uma maior duração do ciclo de alta. Oferta ultimamente não acompanhou aumento da demanda dos emergentes, considerando que hoje o mercado é global, aumentando a duração do ciclo de alto preço, que ainda deve perdurar.
- Aumento da demanda global faz também com que custos subam, já que indústria de insumos não tem elasticidade suficiente para absorver esse aumento de demanda. Além de “tirar uma casquinha” da alta, dado a concentração deste mercado.

- Quando cai a demanda, os custos não acompanham no mesmo momento, além de que os investimentos para aumento da produção podem não ter sido ainda amortizados, e é o momento em que há inadimplência. Esse é o contexto da luta pelo seguro rural, buscando maior estabilidade para o produtor rural diante das oscilações de mercado.
- Processo de crescimento atual está viabilizando novas tecnologias, podendo haver novas ondas de tecnologia. Nanotecnologia, biotecnologia, gestão, um movimento de inovação. No Brasil, isso pode ter grande impacto em gramíneas (arroz, trigo e milho), carnes bovinas e agricultura orgânica (hortifrutigranjeiros), todos esses o país ainda está abaixo dos países mais evoluídos nessas culturas. Não é o caso de soja, cana-de-açúcar.
- Integração das cadeias produtivas. Historicamente, margens eram sempre negociadas com o Governo no Brasil. Na fase inflacionária, o Governo arrumava as planilhas e o lucro era determinado de acordo com o *lobby* de cada segmento. Tecnicamente, isso acabou, mas na prática, há grupos ainda contando com esse modelo. A integração das cadeias produtivas não é, portanto, um conceito implantado totalmente. Deve haver uma harmonia de resultados durante a cadeia produtiva, mas o que se vê é o benefício de uma etapa da cadeia produtiva em detrimento de outra. Esse sentimento de que a política pública deve ser definida em benefício de um ou outro segmento, e não da cadeia produtiva como um todo, desequilibra o conjunto, e leva ao problema de falta de investimento.
- Há, logicamente, outros problemas, como infraestrutura logística, que inibem, por exemplo, o milho no centro-oeste ou o frango de Santa Catarina. É mais fácil, no fim das contas, desmatar e plantar em áreas novas no cerrado, do que arrumar tudo isso, já que não depende do produtor e sim do Governo.
- Vamos crescer na produtividade de alguns produtos, notadamente milho e bovinos, a demanda por novas áreas nestes setores será marginal. Mas a demanda por novas áreas ainda existirá pelo crescimento populacional e da demanda per capita global, superior aos ganhos de produtividade. Para isso não temos uma estratégia, falta coragem para decisão política.
- Se não houver políticas articuladas, terão que ser abertas áreas de floresta e cerrado. Aqui, na África, na Ásia. Salvo se houver um arranjo tecnológico global. Possibilidade de aproximação internacional entre os países que realmente tem possibilidade de produzir o que o mundo precisa. Brasil perdeu tempo apostando em Doha e poderia ter se articulado nesses setores produtivos com outros países.
- São 15 países que hoje podem suprir a demanda por alimentos no mundo. Canadá, EUA, Argentina, Brasil, Ucrânia, Rússia, Quênia, Tanzânia, Senegal, Congo, Uganda, Tailândia, Índia, Indonésia, Malásia. Esses países devem ter em comum: terras disponíveis, políticas públicas, capacitação e tecnologia, podendo gerar uma política estratégica que conduza a um estoque global de alimentos. Isso não é visto com bons olhos pelo mercado, que ganha com as oscilações. Além disso, muitos desses países ainda têm áreas preservadas... não necessariamente se precisaria invadir essas áreas, porque também há falta de produtividade das áreas já antropizadas.
- Proposta é, portanto, que estoques não sejam nacionais, mas globais. Deve-se controlar oferta, e não preços. Isso seria um projeto de segurança alimentar consistente que poderia ser liderado por um país.

Questão 2: Pequenos Produtores

Considerando que há culturas que ainda passarão por ganhos de produtividade relevantes, como garantir que os pequenos produtores, que hoje tem produtividade baixa, não sejam expulsos por ficarem abaixo da produtividade média? Ou seja, como fazer com que estes produtores também incorram em ganhos de produtividade e mantenham-se competitivos?

- Produção do milho do pequeno produtor é matéria-prima, basicamente para alimentação animal. É um insumo, que não vai para o mercado. O médio produtor é quem incorrerá em maiores riscos. O pequeno tem as vantagens das cooperativas, o grande, da escala, o médio não tem vantagem comparativa.
- Atividade dos pequenos produtores é de baixa renda, e, portanto, não envolvem tecnologia. Como não tem tecnologia, a produtividade baixa. As políticas públicas devem ser usadas para romper com esse círculo vicioso do mercado.
- Setores concentrados a montante (grandes corporações internacionais) e a jusante (grandes cadeias nacionais, porém também com tendência de internacionalização). Globalização está tirando margem. Então tem que ganhar na escala. Este processo está exprimindo o médio e pequeno produtor rural.
- A melhor saída para obter benefícios de ganhos de escala para esses produtores é através das cooperativas. Mas estas, para terem relevância e conseguirem escala, devem envolver os grandes e os médios. Ou pelo menos os médios. Mas estes ainda não veem vantagens adicionais àquelas que o mercado oferece.
- Não há uma representatividade forte dos médios produtores. Deveria ser o papel da CNA. Porém o setor é muito heterogêneo, com variações culturais, fundiárias, de tecnologia, darfoclimáticas, etc. Formalmente e legalmente, a representatividade vem através dos Sindicatos Rurais. Estes sindicatos estão ligados às federações, que estão ligadas à CNA. Fora desta formalidade não há representatividade forte.
- Braço político do médio e pequenos produtores são os sindicatos, enquanto que o braço econômico são as cooperativas. Braço econômico tem assumido poder político. Hoje, o PIB da agricultura que passa por cooperativas já é 48% do PIB agrícola nacional. (valor agregado). Quanto mais essas cooperativas agregarem valor, maior será a parcela do PIB passando por elas.
- Roberto Rodrigues vê tendência de incorporação dos médios nas cooperativas e maior concentração de poder nestes agentes, ganhando representatividade. Isso não exclui a possibilidade de que os grandes também o façam, como já ocorre no setor da cana. (coopersucar – braço econômico e ÚNICA como representação política). Neste setor os pequenos, médios e grandes estão juntos, negociando com as usinas.

Questão 3: Reforma Agrária

Ainda faz sentido no Brasil?

- Há espaço, porém não pode ser balizada por idealismos.
- Há uma dívida com os produtores pelos erros recorrentes na política econômica agrícola no Brasil nos últimos 40 anos, sobretudo pela exclusão do pequeno produtor originada pelos Planos Collor e Real. (quebraram também grandes, pequenos e médios, que estavam em processo de crescimento)

- Deve haver uma reforma agrária capitalista. Digamos que o INCRA desapropriar uma fazenda na área X, cuja vocação é o algodão. Então, faz-se um convênio com a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), que vai identificar qual a cooperativa mais próxima dessa região, que seja especialista em algodão. Essa cooperativa abre uma extensão de base, e a cooperativa junto com o INCRA seleciona os assentados, a partir da vocação dos produtores cadastrados, algo técnico. Já entra afiliado à cooperativa, que já tem os insumos, tecnologia, assistência técnica, indústria de transformação e comércio, interno ou externo.
- Ao Estado não caberá construir casa, dar assistência técnica, etc, tudo isso seria provido pela cooperativa. Estado fornece empréstimo à cooperativa, que repassa aos cooperados. Inclusive a terra pode ser financiada, como já foi tentado por FHC, mas não tinha recursos financeiros para fazê-lo.
- Hoje em dia não é assim, também por interesses das pessoas que carregam a bandeira da reforma agrária, cuja resolução do conflito e ganho de importância das cooperativas pode representar perda de força política.

Questão 4: Outras considerações

- Deve-se olhar o que os que ficaram grandes fizeram e prover todos das mesmas oportunidades. Não se pode pensar que o problema do país são os grandes, que um dia já foram pequenos!
- Protocolo de Nagoya: Roberto Rodrigues não tem muito conhecimento e recomendou pessoa para contatar. Mencionou também metas de Aichi. Para procurar mais informações.
- Principal preocupação relacionada ao Protocolo de Nagoya diz respeito à manutenção da renda. Problema conceitual, como questão da soja, que é chinesa. Depois de séculos de melhoramentos genéticos, o que ocorrerá? E com outros produtos?